



ANTOLOGIA  
NACIONAL

CONTOS E POEMAS

# O lado bom da vida

"Às vezes ouço passar o  
vento; e só de ouvir o  
vento passar, vale a  
pena ter nascido."  
— Fernando Pessoa

Ademir Pascale  
Organizador

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-03268-9**

**2024**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- DETERMINAÇÃO E INCLUSÃO, POR CAROLLINE LEAL RIBAS, PÁG. 05
- JOÃO E SUA VISÃO SINGULAR, POR CAROLLINE LEAL RIBAS, PÁG. 08
- VISÃO DO CORAÇÃO, POR CAROLLINE LEAL RIBAS, PÁG. 11
- OUTONO, POR ÉVORA SANTIAGO, PÁG. 14
- VERBO, POR ÉVORA SANTIAGO, PÁG. 16
- QUAL O LADO BOM DA VIDA?, POR HELÔ ZAMUNÉR, PÁG. 18
- BONS TEMPOS, POR RDUQUE, PÁG. 23
- NAS ASAS, POR RDUQUE, PÁG. 25
- GLORIOSA NATUREZA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 27
- TUDO BEM!, POR SELMA LUANNY, PÁG. 29
- SUBLIME, POR SELMA LUANNY, PÁG. 31
- ATO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 33
- O TIJOLO, POR THAIS CASTILHO, PÁG. 35
- OUROBOROS, POR TIAGO DE SOUZA, PÁG. 37
- CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 43



ANTOLOGIA  
NACIONAL



CONTOS E POEMAS

# O lado bom da vida

Ademir Pascale  
Organizador





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Determinação e Inclusão

Por Caroline Leal Ribas

Pós doutora em Direito. Professora de cursos de graduação e pós-graduação. Servidora pública no governo do estado de Minas Gerais. Trabalho como defensora dos direitos humanos e políticas públicas inclusivas de grupos minoritários.

No mundo escuro, ele encontra luz  
Com um sorriso que brilha, tão reluz  
Passos incertos, mas determinação  
Ele enfrenta o mundo com o coração

No mundo vasto, ele caminha devagar  
Sob um céu escuro, sem luz a brilhar  
Cada passo incerto, cada desafio  
Mas sua determinação, nunca se desfaz no vazio

Veja a criança, com olhos de amor  
Navegando o mundo, com fervor  
Inclusão é a chave, para o coração  
Todos juntos, em uma canção

Amigos o guiam, pela escuridão  
Com amor e apoio, em cada direção  
Ele sonha alto, não há limitação  
Pois a verdadeira visão, está no coração

Pode não ver as cores nem a luz do sol  
Mas sua visão é clara num mundo de sombras e sol

Veja a criança, com olhos de amor  
Navegando o mundo, com fervor  
Inclusão é a chave, para o coração  
Todos juntos, em uma canção

A deficiência não define quem ele é  
Sua força e coragem nos fazem crer  
Que juntos podemos construir  
Um mundo onde todos possam sorrir

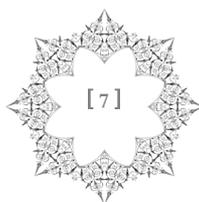
Amigos ao lado, guiando-o com cuidado  
Caminhando juntos, em cada lado  
Ele sonha alto, além das estrelas  
Pois suas limitações não são fronteiras

Pode não ver as cores nem a luz do sol  
Mas sua visão é clara num mundo de sombras e sol

Veja a criança, com olhos de amor  
Navegando o mundo, com fervor  
Inclusão é a chave, para o coração  
Todos juntos, em uma canção

Deficiência não define sua verdadeira essência  
Sua força e coragem, são sua resistência  
Em um mundo onde as barreiras se desfazem  
Ele encontra esperança onde outros desmaiam

Então ouça a melodia da inclusão e amor  
Neste mundo vasto todos têm seu valor  
E, juntos, construímos um mundo melhor  
Onde cada criança brilha com seu próprio fulgor





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# João e sua visão singular

Por Caroline Leal Ribas

Pós doutora em Direito. Professora de cursos de graduação e pós-graduação. Servidora pública no governo do estado de Minas Gerais. Trabalho como defensora dos direitos humanos e políticas públicas inclusivas de grupos minoritários.

A Meu nome é João e sou uma criança muito feliz,  
Eu nasci com uma visão única do universo.  
E, desde então, busco minha inclusão na sociedade,  
E enfrento desafios na minha escola e por onde passo.

Na vastidão escura do meu mundo sem luz,  
Exploro com os dedos cada contorno e cruz.  
Não vejo o sol a brilhar, nem as estrelas no céu,  
Mas sinto o calor do amor, que me envolve como véu.

As cores são apenas sons que dançam na melodia,  
O perfume das flores é uma suave poesia.  
Não enxergo a beleza do mar ou do monte,  
Mas ouço o murmúrio das ondas, o vento que apronte.

Sou criança, vista por muitos como especial, mas cheia de emoção,  
Cada toque, cada gargalhada é minha visão.  
Na escuridão do mundo, encontro luz no coração,  
E assim, mesmo sem ver, vivo plena admiração.

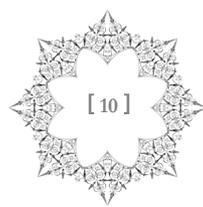
Nasci sem enxergar, num mundo sem clarão,  
Mas trago no peito um brilho, e uma imensa paixão.  
Claro que vários desafios me cercam, porém não me impedem de sonhar,  
Sou uma criança cega, mas todas as batalhas irei enfrentar.

Na escola, no parque, em todo lugar,  
Busco a meu direito à inclusão, meu direito de participar.  
Com meus amigos, eu brinco, rio e aprendo,  
Na diversidade encontramos o verdadeiro acolhimento.

Às vezes tropeço, mas sempre me levanto,  
Com coragem e persistência, enfrento todo encanto.

Aprendi que a diferença é nossa maior riqueza,  
E na aceitação mútua encontramos a verdadeira beleza.

Então, olhe além do que os olhos podem ver,  
Descubra o universo que há em cada ser.  
Sou uma criança cega, mas cheia de luz e vigor,  
Pronta para viver, amar e ser inclusão, em um mundo com mais amor.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Visão do coração

Por Caroline Leal Ribas

Pós doutora em Direito. Professora de cursos de graduação e pós-graduação. Servidora pública no governo do estado de Minas Gerais. Trabalho como defensora dos direitos humanos e políticas públicas inclusivas de grupos minoritários.

Em uma humilde casa situada em uma cidade pequena no Brasil vivia uma mulher chamada Maria. Maria era uma mulher jovem e de um coração generoso. Sua vida ganhou um novo propósito quando deu à luz um filho, a quem chamou de João.

No entanto, notou que havia algo diferente em João desde o nascimento: ele era cego. Maria, apesar de sua própria situação difícil, abraçou o desafio de criar um filho com deficiência visual. Ela não tinha muito dinheiro, mas tinha amor de sobra para dar a João. Com cuidado e ternura, ela o guiava pelo mundo, descrevendo tudo ao seu redor com detalhes vívidos. Ela era seus olhos, seus guias, sua luz na escuridão.

Juntos, eles caminhavam pelos campos, sentindo a grama sob seus pés descalços, ouvindo o canto dos pássaros e cheirando as flores silvestres que adornavam o caminho. Maria também ensinou João a importância da confiança em si mesmo e nas pessoas ao seu redor. Ela o incentivou a desenvolver habilidades que lhe permitissem viver de forma independente e com dignidade. Assim, João aprendeu a cozinhar, a se orientar na casa e na cidade, com sua bengala, a ler por meio do sistema Braille e a utilizar recursos da inteligência artificial a seu favor.

Mas nem sempre foi fácil para Maria. Ela teve que enfrentar o preconceito e a falta de compreensão da comunidade em relação à deficiência de seu filho.

Ela lutava contra os olhares de pena e as palavras cruéis, defendendo João com unhas e dentes. Ela o ensinava a amar a si mesmo, mesmo quando o mundo parecia não compreendê-lo.

Eles tinham seu próprio mundo, em que o amor era a única língua falada. Mas o verdadeiro desafio veio quando João atingiu a idade escolar. A escola local não estava preparada para lidar com as necessidades de João, e o preconceito dos colegas de classe tornava a situação ainda pior. Maria lutava para garantir que João recebesse a educação que merecia, apesar das barreiras que encontravam pelo caminho.

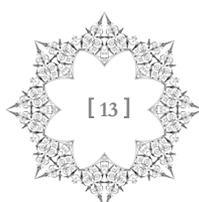
No entanto, Maria não estava sozinha em sua luta. À medida que os dias passavam, os colegas de classe começaram a perceber a luz que irradiava de João. Eles descobriram que ele era mais do que sua deficiência, mais do que a escuridão que o cercava. Ele era um amigo leal, um estudante dedicado e um ser humano extraordinário. Com o tempo, o preconceito cedeu espaço para compreensão e para o amor. As pessoas começaram a ver além da deficiência de João e a reconhecer sua humanidade. Maria e João tornaram-se símbolos de coragem e resiliência, inspirando outros a enfrentar suas próprias batalhas e a

encontrar a luz dentro de si mesmos. No coração daquela pequena cidade, a luz do amor de uma mãe e a coragem de um filho brilhavam mais forte do que nunca, iluminando o caminho para um futuro mais inclusivo e compassivo. Eles provaram que, mesmo nas sombras do preconceito, a luz do amor pode dissipar a escuridão e revelar a beleza que reside em cada um de nós.

Um dia, um viajante misterioso chegou à cidade. Ele era um músico famoso, conhecido por suas belas canções que encantavam o coração das pessoas. Intrigado pela história de Maria e João, ele decidiu visitá-los em sua humilde casa.

Ao ouvir a música do viajante, João ficou fascinado. Ele podia sentir a beleza das melodias mesmo sem enxergar. O viajante, impressionado com a paixão de João pela música, ofereceu-se para ensiná-lo a tocar um instrumento. Com dedicação e paciência, o viajante ensinou a João a tocar violão. Maria, emocionada com a generosidade do estranho, ficou grata além das palavras. E, assim, João encontrou uma nova forma de se expressar, uma nova maneira de ver o mundo por meio da música.

Com o tempo, João se tornou um talentoso músico, encantando a vila com suas melodias inspiradoras. Ele e Maria superaram muitos desafios juntos, mas seu amor e sua resiliência nunca vacilaram. Eles eram um exemplo vivo de como o amor e a determinação podem superar qualquer adversidade, iluminando até mesmo os cantos mais sombrios da vida.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Outono

Por Évora Santiago

Uso a escrita como refúgio. Gosto de música, livros, viagem e cachorro. Sou casada e moro no interior de Minas.

Desejo que a tristeza seja feito chuva fininha, leve, passageira, e que não deixe lama espalhada no caminho, para você não escorregar...

Também desejo que você dance a música dos dias, conforme a melodia que o violino tocar. E se este desafinar, recomece o bailado, faça um novo traçado e busque um novo par...

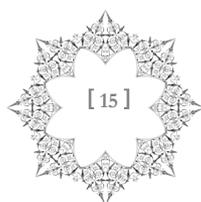
Desfrute do frescor deste outono, que sacode as folhas e remexe as sementes, salvando-as do frio iminente porque a primavera outra vez não tarda a chegar.

Espero que você se esqueça de alguns compromissos formais, e viva livre, sem se preocupar com o relógio ou a agenda.

Ande descalço, despenteie os cabelos, mas não esqueça o batom.

Aceite que a vida, mesmo não tão bonita, precisa de cor.

Mas cabe a você, o tom...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Verbo

Por Évora Santiago

Uso a escrita como refúgio. Gosto de música, livros, viagem e cachorro. Sou casada e moro no interior de Minas.

A escrita me liberta, embeleza, humaniza.

Algumas dores ameniza.

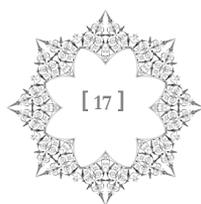
É através do verbo que me percebo, compreendo, aprendo. E vou crescendo.

A palavra se faz pura quando é luz, freio, reflexão.

Por vezes, uma paixão.

Se preciso for, reescrevo, reinvento.

Porque escrever é assim, alimento.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Qual o lado bom da vida?

Por Helô Zamunér

Maria Heloisa Zamunér Calocini (Helô Zamunér) É Educadora, formada em Letras, Mestrado em Educação, Pós-graduada em Leitura nos Meios de Comunicação. Dedicção: área de leitura, textos e linguagem – ensino fund., universitário e pós-grad. Palestras: Literatura/Linguagem. ESCRITORA. Livro: O pequeno rio e eu (Romance) Ed. Mar, Cabreúva, 2022; Premiada - 1º. Lugar Conto: A menina equilibrista – Concurso Lit. CIOESTE – 2023 – Beleza da Pessoa Negra (Barueri, 29/11/23).

Instagram: @escritasdahelo

Blog: [helozamuner.blogspot.com](http://helozamuner.blogspot.com)

Maria do rio responde: bem, acredito que o bom da vida está na caminhada! Na luta! É! Jogar entre o terror e o poético. Resistir nosso cotidiano estranho. E, que estranho!

Ao bom da vida, a mulher olha para diversas direções. Até se tornou defensora de rio – busca diálogos; salvar águas; daí o apelido: Maria do rio. Repete. Abençoadas águas! Veem de nascentes, chuvas, outros riachos – aqui, se desdobram! Embarcações singram!

Entretanto. Crenças folclóricas espalham narrativas na pequena cidade: rio de atmosfera enigmática! Encantado! Repleto de maus espíritos! Maria junta vozes, enquanto rio em proliferação de bactérias. Mais. Pessoas fogem das margens do rio, ao anoitecer. Crendices viram piadas, contos de terror – adeptos. Na Modernidade, mais que amadurecida, a temática gera falas aceleradas – entre exploração de temor e salvar águas.

As crendices? Antigas! Muito!

Dizem, data de quando grupos nativos, às margens do rio, fugidos da escravidão... Reza a lenda, se tais escravos, encontrados pelos donos – sofriam horrores e jogados nas águas – para morrerem afogados! Os espíritos retornam, pedem vingança!

Errantes. Tais sinistros passeiam pelas mentes das pessoas...

Dizem relatos. Perto da meia noite, às sombras das árvores, com raras frestas ao luar, almas penadas caminham sem fazer qualquer ruído... Choram baixinho! Logo, mãos gélidas puxam os atrevidos! Depoimentos, inclusive da polícia, que busca corpos, arrastados, à noite – engolidos pelo rio...

Certo, que uns jurem, só lendas! Porém, surpreendente é encontrar certo solitário, à noite, nestas margens... Aliás, infactível!

Assim. Adágios fantasiosos, convivem bem coas novas tecnologias; quando as tais ideias macabras, escondidas, meio envergonhadas, quietas... Contudo, se provocadas, fazem muitos alaridos...

É, pavor é autoritário, dono de si, tem domínios! Até Maria do rio, diz, já se pegou entre ciência e lendas, é a luta, né? Mas. Ponderada coas emoções funestas, intima ela!

Porém, em sopros, influxos... não se bota mão no fogo... Porque medo desenfreado: pode matar, ou morrer; apregoam contos da Terrinha... Nestas alturas,

perceba, caro leitor... Se um desavisado sente mão gelada tocar-lhe, ou assoprar aos ouvidos, lá na beira do rio, na escuridão, sozinho? “Vige, pernas para quem tem”! Arre pia. Faz correr até imaginação sublime! Brincar? Afrontes? Jamais!

Prefeitura construiu pistas de caminhada, cenário de filmes! Iluminadas. Ao passo que vai o dia, esvazia-se! Permanece uns poucos. Mulher, embetumada de repelentes – insana, talvez: voltem! Sintam os encantos! A ela, o rio, matéria à construção do poético...

Hoje, ela mais cedo na paisagem. Peregrina à procura de moradia a alugar. Sente a sua, enorme, depois que marido lhe deu golpe e fugiu. Já buscou novo local pela Net; agora, em férias – visita endereços das locadoras. Nesta tarde: entra e sai e outra e zero, ela segue... Pensa em algo pequeno, simples, se à margem direita do rio, melhor.

Enquanto Maria do rio anda. Pensativa. Recorda-se de casamento rápido e cruel.

– Dava para ser pior? Na saída, homem lhe roubou preciosos tesouros: o cãozinho fiel e as joias, deixadas pela mãe. Sádico! O cão? Criatura cruel! Quase dois anos e ela não se cansa de procurar – presente-o aos pés – arruma a caminha ao lado da sua, chora, vê fotos, renova contratos de busca... Afastando-se cidade, alheia... Chega a sítio isolado, do outro lado; aí onde o rio, ainda lhe parece mais bonito – você, há de ser meu quintal!

E os endereços. E o cenário.

Levam Maria do rio em direção ao imenso lago... A mulher, recostada, curte espetáculo: borboletas, beija-flores, gorjeios, perfumes – encantos ao pôr do sol. Confere endereço... a poucos metros, a pequena casa. Ou, choupana abandonada? Matagal! Por instantes, discursos de terror assopram: proliferação de vírus. Cobras. Sapos. Aranhas. No multifacetado, complexo – ela vira e revira: entre terror e aprazível. Era fecho do dia?

Borboletas a chamar outras e outras... num revoar inacreditável – tão fulgurante! Pintadas à mão, onde moram!? Estática, mulher contempla o dia deitar-se na imensidão de águas... enquanto sol beija tudo... em cadência... tons amarelos e negros. Num relance, desce a noite, uauuu! Ainda plainam e voejam borboletas tardias, já céu salpica estrelas...

E a casinha? Mulher força. Empurra porta de casebre; auxilia-a parca luz de celular... Deus, gente morando aqui?! Tropeça em pedaço de tronco no meio do caminho... Grita na escuridão, caindo em buraco – uma caverna? Bicho sai espavorido,

mato a fora! Vige, quantas coisas, escondidas da lei! Dinheiro. Armas. Amontoado de sacos e sacolas. Sobre mesinha, não creio – meu porta joias... malandro... aqui, intato?! Que loucura! Confere. Coloca o que lhe cabe na bolsa, foge da caverna. Retorna tronco...

Espia à volta, apavorada! Puxa a porta. Foge daí! Quer correr...

Percebe-se sem um porquê – trilha em desníveis, escuridão! Absorta. A estrada cresce. Entenebrece. Longe da cidade. Em perigo, mil perguntas... Que bicho saiu da caverna? O malandro pode me seguir? E, conforme ela avança: gritos, batidas, apitos, carros, caminhões... Choros. Brigas. Tiros. Vozes da pequena vila ecoam nas águas! Que fronteiras! Entre suspiros, ela dosa os passos, com cuidado. Margens de rio, aí, tão frágeis – desbarrancadas, carcomidas – como sustentam tamanha senhoria? Gradualmente,

Perscrutando cercanias, mulher continua. Lugar desértico. Impressão ser seguida.

Analisa. Às sombras, o rio: um velho enrugado, olhos oclusos, inchados, porosos – ah, pobre amigo! Feito vampe, um vento quente lhe sopra o corpo, horripilante – território de monstros! Afogam vidas? Trêmula olha a lua entre nuvens – reflexo de pouca luz nas águas. De novo, pressente pisadas no seu compasso... Para, olha. Nada. Ruídos. Alguém?

De súbito: o rio, mais brilhante, a olha! Contempla-a fortemente. Ele adentra o olhar lá no limiar das portas da alma da mulher... Ela molha mãos. Entre, acalente-me!

Em uma ilha de luz... ela deita na areia e o sente... borrifando em seu corpo solitário... já molhados os pés... Depois, ousada. E provocativa: fique comigo! Zele por mim! Nós dois, tão sós! Enquanto rio a cobre. Prazer. Passos. Medo. Ela grita, quem aí?

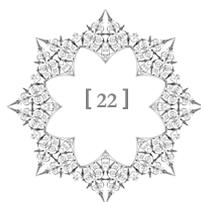
Ele se esconde. Ela, agora tem certeza. Foi num triz...

Mulher, se ajoelha, feito Moisés, diante do arder de sarças! Sim, o lugar é santo! A vida, um correr de águas, renovadas! Chiquinho...? Vem, Chiquinho...

Na linguagem de afetos se dizem quase todas as saudades de dois anos! Judiação, prisioneiro de um monstro, na caverna! Choram os dois. Apesar de fedor do pobre bicho, cansaço, ela o carrega até a casa. Cãozinho visita todos os cômodos, enquanto mulher prepara banho e alimento. Depois, de sua caminha, o cão a olha e quer falar...

Com propósito de atingir o âmago dos significados metafóricos, poéticos da vida, mulher chama “Zaratustra”, de Nietzsche. Enquanto rio se faz ouvir, suave, quase imperceptível, sutil.

Maria do rio, ciente: a luta entre paradoxos do cotidiano – é sim, o lado bom da vida! Ela dança e canta e sorri. O cão a olha, pensativo: Num vai casar de novo!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

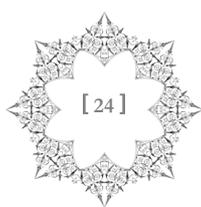
# Bons ventos

Por RDuque

Um estudante/trabalhador da vida e de seus devaneios, com o adentrar a escrita e a literatura, a paz em meio ao caos encontrado no cotidiano se faz presente desde os 20 anos. Agora a vida mostrou e teceu em forma de divulgação, brotar a vontade de externar os pensamentos através de palavras.

Instagram: @rodrigo.duque.77

Uma vez escutei que a felicidade é simples e acontece,  
Outrora, ouvi que ela é sinônimo de viver,  
E a vida nos mostra muitas vezes,  
Através de seus ventos o fluído da vivência.  
Não existe um script, um grande roteiro a ser seguido,  
A realidade tão sutil como um trombone e tão barulhenta quanto um sussurro,  
Nos revela através de um olhar,  
Um toque, um sorriso ou gargalhada, como o encontro do não planejado é sublime.  
Como a leveza de dois corações querendo viver,  
Muitas vezes se aprisionaram,  
Por outro ou por si,  
Quando se encontram é um alívio.  
Alívio por saber que existem pessoas com desejos que o próprio EU delas merece,  
Que dá tesão de querer viver, não importa como seja.  
Do fogo de um beijo ou da calma de um olhar,  
A história de duas almas sedentas para se encontrar.  
É o que dá vontade do inominável,  
A força para o vento bravejar,  
Seja o que ele for já estava escrito o que seria  
A suavidade da sua companhia.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Nas asas

Por RDuque

Um estudante/trabalhador da vida e de seus devaneios, com o adentrar a escrita e a literatura, a paz em meio ao caos encontrado no cotidiano se faz presente desde os 20 anos. Agora a vida mostrou e teceu em forma de divulgação, brotar a vontade de externar os pensamentos através de palavras.

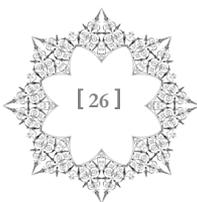
Instagram: @rodrigo.duque.77

Nos devaneios da vida as situações são perfeitas,  
Os encontros e reencontros acontecem da forma como imaginamos,  
Ora, que graça tem encontros formulados mentalmente,  
Se não podemos sentir o bater das asas dos sentimentos e acalentos.

O inesperado vem com asas sentimentais que acolhem,  
Numa voz, num abraço  
Num sorriso, num beijo,  
Num carinho, numa felicidade.

Afinal, anjos são ditos seres protetores alados que guiam vidas,  
Nos abraçando com suas asas,  
Nos fazendo sentir, que estão ao nosso lado...  
Com um amém.

Talvez seja esse o segredo,  
Encontrar alguém para sentir!  
E se você pensar,  
Já encontrou esse alguém.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Gloriosa natureza

Por Sellma Luanny

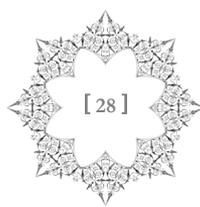
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Quanto mais vemos  
e procuramos,  
mais descobertas  
e delícias.

No individualismo,  
quanto a perder  
e suprimir!

Princípio e evolução  
da convoluta e  
penosa luta desta  
biologia universal,  
então planetária...

Como irmãos e em tudo  
humildade mostrarmos,  
no dividir, quanto a ganhar!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Tudo bem!

Por Sellma Luanny

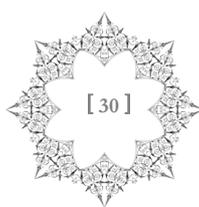
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Óbices que o azul  
do céu, encobrem...  
Antagônicos pontos  
a não permitirem  
o vibrar da alegria.  
Basta!

Inúteis e pesados desalentos,  
tão prejudiciais  
para o nirvana atingir,  
do peito eliminar.  
Saber ao paraíso se elevar.  
Aqui e agora!

A necessidade de bem-estar,  
essencialidade de harmonia  
usufruir  
e ao otimismo ceder...  
As inquietações, ultrapassar..  
Então tudo bem! Tudo ótimo!

E acima de tudo...  
ao que coibe e lesa,  
dar um basta!...  
E tudo bem! Tudo ótimo!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Sublime

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Sublime!

O que mais poderia dizer?

Fora um momento atemporal.

Como se arrancada do agora,  
para muito além,  
transportada.

À esfera celestial,  
elevada.

Que privilégio aos sentidos!

Num instante, humano é.

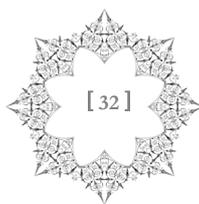
Noutro, aos deuses, se aproxima  
e com os anjos, dança.

Assim,

fora com aquela música.

Sublime! Puro deleite!

Magia a preencher todos os espaços,  
de um vazio ávido por encantos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Ato

Por Sellma Luanny

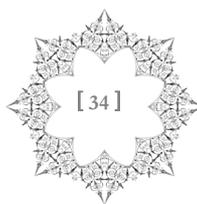
Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Não, não por acaso.  
Com deleite, criar.  
Qualquer boa coisa.  
Qualquer ato bom.

A sabedoria de  
adversidades conciliar.  
E com relevantes  
resultados, pulsar.

Do bom, do bem.  
Do que não fere.  
Do que completa  
ou alegria trazer possa.

Uma vida de  
positivas vibrações.  
Com um mínimo  
de propósitos e apreço.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# O tijolo

Por Thais Castilho

Servidora pública, casada, e mãe de três filhos. As lembranças da família são o objeto de seus contos.

A mãe trouxe de viagem um tijolo de recordação, retirado de uma fazenda onde passava férias quando criança.

O tijolo era imponente, antigo, feito de barro.

Enrolou, o tijolo, com cuidado em um papel de pão e o guardou na mala.

Já em casa, deixou a mala na sala e foi para a cozinha tomar um café.

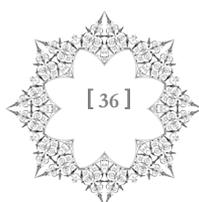
Não passou muito tempo, a filha caçula entra correndo na cozinha.

— Mãe, por que trouxe um tijolo?

E a mãe, querendo pregar uma peça na filha xereta, respondeu de pronto:

— Aquilo não é tijolo. É rapadura.

— Rapadura?! Indaga a menina, abrindo um sorriso e mostrando seus dentes cobertos de terra.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

# Ouroboros

Por Tiago de Souza

Tiago de Souza nasceu em Belford Roxo (RJ). É historiador e teólogo. Doutorou-se na área de Musicologia e atualmente dá aulas em escolas e cursos. Como músico profissional, já tocou e gravou com diversos artistas e festivais, além de ter sido vencedor nos concursos Batuka! (Brasil, 2011) e Drummer of Tomorrow (Alemanha, 2012), ambos como baterista. Aprendeu a ler e a escrever aos três anos, mas demorou mais de trinta e oito para escrever seu primeiro conto. Alea jacta est.

Acordou no susto. Em menos de um segundo você atingiu os extremos de uma viagem dramática: primeiro, visitou o inferno — mais um dia em que havia perdido a hora, mais um atraso a ser descontado em seu salário. Depois foi ao céu, ao lembrar que era sábado, não havia a menor obrigação de acordar cedo. Suspirou. Depois de uma pesada semana de trabalho ficar na cama era um agrado bem-vindo. Virou de lado, convidando a consciência a submergir em um sono pesado, o *nada* absoluto.

Acordou no susto, lembrando que, para seu azar, era quinta-feira.

Você chutou os lençóis, ergueu-se da cama, meio atabalhado. Atravessou o corredor. Os olhos, ainda embaçados pelo sono, não detectaram o brinquedo no chão. Você pisou com força. A ferroada teve dupla consequência: despertou-o em definitivo, o fez lembrar que mais tarde seria publicado o resultado do concurso de contos.

Nenhuma única gota de água saiu da torneira. Você girou sobre os calcanhares, abriu a geladeira, pegou uma garrafa com água, depois voltou pra pia. A mão em concha catapultou a água fria na direção do rosto. Xingou baixinho, e enquanto apertava os olhos, você lembrou que ontem, na ânsia de dormir, não havia ligado a bomba — ou seja, quando sua mulher chegasse, a caixa d'água estaria vazia. Você gemeu, desgostoso. Um músico diria que seu lamento estava em Dó maior.

Passar desodorante, escovar os dentes, pôr os tênis no pé. Colocar o computador na mochila. Na escola: corrigir a revisão. Trabalhar no conto novo, revisar o conto antigo. Convencer a coordenadora de que o atraso não era culpa sua — *Lamento, não vai se repetir*. Fazer beicinho. Convencê-la daquela tremenda mentira.

Subiu as escadas, os joelhos estalando. Ao redor, os pés dos alunos martelando o chão, a adolescência pulsando à flor da pele. Era a última semana antes das provas. Para aqueles jovens, o tempo era pura gentileza, para você, era apenas o carcereiro. Você quis voltar para a época da escola, quando tinha aquela idade, o velho colégio, o primeiro grau — aqueles tempos, pura energia, uma desumana vitalidade, quando a ignorância fazia a vida parecer bem mais simples.

Dever no quadro, os alunos copiando. Você devorava um tratado de escrita criativa. Duas coisas: primeiro, a desolação diante de um trecho do Raduam. *Mas que diabo* — seu indicador partia o livro em dois — *comecei tarde, nunca vou escrever nesse nível*. Segundo: você sempre se media pela idade dos autores. Muitos começando a escrever antes dos trinta. Você viu um aluno cochilando sobre o caderno; os outros, quase todos, mexendo no celular. *O que foi que eu fiz com minha vida?* Um estrondo. As vagas do tempo, crespas de lamento, atingindo-o em cheio.

Quarenta alunos em sala. Cem minutos de aula. Isso funcionava antigamente, quando os mestres discursavam soberanos, régua na mão, cobrando tabuadas e outras decorebas de juvenzinhos engravatados. Hoje, os professores disputam a atenção da geração alpha, os fiéis devotos do deus *Tikotok* e seu profeta, os joguinhos de celular. Você olhou o celular, não havia nenhuma nova mensagem no seu e-mail. Suspirou, profundo. Seis mil segundos, aquilo era tempo demais.

Em meio ao purgatório dos dias, você experimentava breves momentos de satisfação. Havia um garoto, da turma do fundão. Era um conhecido repetente, forte candidato a ser novamente reprovado. Mas no fim do bimestre anterior, depois de uma severa indisciplina, vocês tiveram uma conversa. Depois disso, tudo mudou: ele trocou de lugar, seu temperamento tornou-se mais ameno, esforçava-se para cumprir as tarefas propostas. E hoje, para seu espanto, ele havia acertado todas — eu disse, *todas* — as questões da revisão. *Isso seria o mínimo de alguém que não trabalha e que tem todo o tempo do mundo*, você diria, se fosse há alguns anos atrás. Mas a sala de aula te ensinou que, por trás de todo aluno-problema, existem outras demandas, questões complexas demais, equações irracionais demais, e muitas das vezes, bem menos urgentes do que saber que negativo quando passa pra lá vira positivo.

Ano passado. *O pai dele foi assassinado, por engano*, um dos professores disse, enquanto mastigava um pastel, aquela pequena pausa em meio ao derradeiro conselho de classe. Você disse *Nossa, eu não sabia*, e seguiu em frente, reprovando-o por faltas e pontos. No fim você foi embora, gozar suas merecidas férias. Nem chegou a pensar sobre o que havia feito. *A média é cinco; no final do ano, o aluno tem que ter no mínimo vinte pontos*. Quanto a isso, de fato, não havia muito o que dizer.

Mesa, sofá, biscoitos, café, o farfalhar das folhas dos diários, armários de ferro. A sala dos professores segue a mesma lógica das tréguas em meio à batalhas: existe paz, ao mesmo tempo em que há aquela tênue sensação de que o combate irá reiniciar, a qualquer momento. Você debruçado no laptop, comprado com esforço, pouco antes da pandemia, trabalhando no conto, lutando contra o sono. Um ruído de fundo, a soma das vozes dos professores. Tudo girando em torno de lamentos e reclamações. Juízos de valor — os quietinhos sendo elogiados, os bagunceiros sendo marcados, a sombra da reprovação começava a se espalhar pelos corredores, flechas prestes a alvejar históricos e boletins —, mas também haviam pequenas vitórias, superação, pequenos milagres diários. Você deu uma pausa na escrita, mirou o janelão do outro lado da sala, percebeu um casal de beija-flores, singrando o ar com uma dança magnífica, luminescente, beijos nas pétalas de uma flor de hibisco, o vermelho e o amarelo, uma divina mistura, exata medida e proporção. Você pegou o celular, nenhuma mensagem sobre o resultado do concurso de contos.

Já passava das cinco da tarde, e você trocou de pele: agora era um aluno do doutorado em matemática aplicada. No fim, aquela tese vai somar menos de trezentas pratas no seu ordenado. Quantas vezes você pensou se não seria melhor ter virado médico, engenheiro, ou advogado — o tripé bacharelesco típico. Não tinha ânimo para mudar de área: você era do tipo que só faz o que gosta, apesar de ônus que isso traz. Você achava que o ambiente acadêmico se parecia demais com uma selva: guerra, ao invés da austeridade dos sábios. Um mundo de incríveis descobertas, ciência em seu estado puro, mas encharcado de ego, puxa-saquismo, traições e inveja. Você sempre soube qual era seu lugar. Nunca seria um Deleuze, um Freud, mas pelo menos, no fim, sua família teria um doutor.

Perto do fim da aula, uma jovem, dotada da autoconfiança de quem não tem nada a perder, exceto suas correntes, se dispôs a criticar uma certa teoria. O professor — bigode amarelado, papada esparramada sobre uma gole role — cruzou as pernas, gargalhando. *Minha jovem, o homo academicus* cantarolou, *seu argumento sequer arranhou a superfície da questão*. Você se manteve em silêncio, pois sequer leu o texto do dia, estava ocupado demais elaborando doze modelos de provas diferentes — parafraseando Napoleão, um professor marcha sobre seu próprio estômago.

Você estava no ônibus, dormindo de boca aberta, quando o celular apitou. Era a mensagem que você aguardou o dia inteiro. *Caro autor, infelizmente seu texto não foi* — Você parou de ler assim que recebeu um tranco no lado direito do corpo, uma mulher sentou-se ao seu lado, estava segurando quatro sacolas cheias de itens de supermercado — *infelizmente seu texto não foi o vencedor, mas não fique triste! Queremos publicá-lo em uma antologia de contos!* Você sorriu, leu umas quatro vezes. Não houve uma quinta, o balanço do ônibus e o cansaço do dia, a consciência submergiu, sono pesado, o *nada* absoluto.

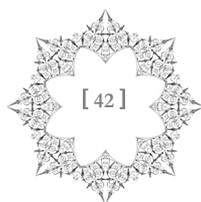
Parou na carrocinha de cachorro-quente. Pediu dois. Enquanto a distinta iguaria estava sendo preparada, você foi na padaria, comprou um pacote de pão suíço, uma garrafinha de suco e outra de refrigerante Mineirinho — o que sua esposa gostava.

Na esquina de casa, Jack, o vira-lata caramelo xodó do bairro, começou a te acompanhar. Um lufada de vento fresco acariciou a ambos, a sensação foi tão boa que o cão chegou a gemer. Você olhou para o céu, a palidez da lua a iluminar o mundo, riscas de estrelas pontuando o firmamento, a noite ostentando um agradável esplendor. Girou a chave, abriu o portão de casa, Jack fez que ia entrar, mas desistiu, não sem antes deixar um sorriso para as câmeras postas no alto do muro.

Quando entrou em casa, seu filho, ainda com a roupa da creche, correu ao seu encontro. *Olha o que papai trouxe!* Você disse, agachando, mostrando o pacote. *Pãozinho, papa!* Ele disse, e quando os bracinhos do menino enlaçaram seu pescoço, quando ele repetiu *papa, papaaa*, naquela voz molenguinha, como quem acabou de encontrar aquilo que esperou o dia inteiro, você sentiu a vida se ajeitar. Aquela criança fazia o tempo ganhar outro sentido, como se o universo se dobrasse todo, cabendo dentro de um pedacinho de pão. Aquele abraço conjurava toda a bondade que havia no mundo, concentrando tudo o que havia de bom no ontem, no hoje, também no amanhã.

Acordou no susto, um passageiro assustado diante daquela mesma viagem dramática: primeiro, o inferno — havia perdido a hora, mais um atraso a ser descontado em seu salário, depois o céu, quando lembrou que aquela sexta-feira era o início de um

feriado prolongado. Olhou ao redor, entre você e sua esposa, o menino. Você fechou os olhos, sorriu. Aquele sono era um agrado bem-vindo, um luxo que você, com certeza, merecia. A paz, a família, o amor: em tudo isso, o lado bom, a vida inteirinha.



**CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)**

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**